

### **Por uma cartografia da fé: os usos religiosos do espaço urbano**

Júlia Miranda<sup>1</sup>

Mesmo em meio ao retorno à agenda pública das discussões sobre a pertinência do reconhecimento de preceitos religiosos pelos cidadãos, pelos gestores político-administrativos e pelo Poder Judiciário brasileiros nas decisões que dizem respeito a temas de natureza civil, seria um exagero pensar na religião como responsável por novos ordenamentos espaciais das cidades. Não neste início de século XXI quando as estatísticas apontam uma diminuição dos católicos em todo o país e o crescimento dos não crentes. Não quando os pesquisadores registram uma crise da religiosidade institucional e a privatização das práticas. Não numa capital com mais de dois milhões e meio de habitantes. Porém é esse o caso objeto de análise neste artigo que se propõe a refletir sobre alguns aspectos do compartilhamento do espaço urbano, relacionando-o ao pluralismo religioso e à concorrência entre denominações.

Nas últimas três décadas, grupos cristãos – de modo particular os católicos - veem transformando a cidade de Fortaleza por meio da construção de edificações, da instituição de alternativas aos tradicionais espaços de vivência da fé, assim como da apropriação permanente e temporária de ruas e logradouros públicos. São maneiras novas de “praticar a cidade”, cujas implicações representam o interesse deste trabalho. A novidade na ação dos católicos contemplados na pesquisa empírica que dá base às reflexões<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> A autora é Professora Titular da UFC, onde coordena o Núcleo de Estudos de Religião, Cultura e Política do PPG de Sociologia, e pesquisadora do CNPq.

<sup>2</sup> Uma extensiva pesquisa empírica vem sendo realizada em Fortaleza, desde 2009, tomando como centrais os grupos e comunidades católicos e fazendo um contraponto com as

consiste principalmente na reelaboração das práticas, acompanhada da ressignificação de antigos símbolos e das reinterpretações da tradição. Essas modalidades de expressão religiosa são identificáveis nas características do patrimônio material e imaterial cuja localização vem mostrando uma nova configuração espacial do religioso urbano. Mas é preciso lembrar que sua análise não pode se fazer à margem justamente daqueles elementos que criam as condições de possibilidade para esse processo e que respondem por suas consequências. Que elementos seriam esses? O que há de particular em Fortaleza?

Em que pese a antiga e muito forte tradição católica dos fortalezenses o que se busca aqui mostrar é que, do final dos anos 1980 até hoje, novos fatos explicitam uma significativa transformação dos “usos” religiosos do espaço urbano e que essas transformações respondem por uma outra configuração da cidade, permitindo que se fale de uma nova cartografia da fé. É um caso “bom para pensar”.

### **Uma “nova” Fortaleza surge**

Fortaleza, a capital do estado do Ceará, é a quinta cidade em população do país com 2.473.614 habitantes e o quinto colégio eleitoral. Está localizada no litoral Nordeste e possui 313,8 km<sup>2</sup> de área, sendo a capital de maior densidade demográfica. É a cidade nordestina com a segunda maior área de influência regional (atrás apenas de Salvador) e sua Região Metropolitana possui 3.655.259 habitantes (IBGE:2007). O perfil extremamente católico de seus habitantes (como do restante do Ceará) se confirma na classificação como segunda cidade onde essa tradição religiosa é mais forte e na particular distribuição geográfica dos fiéis se comparada a outras capitais. O *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*, lançado em 2003, embora não se detenha sobre as especificidades regionais ou locais do catolicismo brasileiro do final do séc. XX, destaca que a Região Metropolitana de Fortaleza foge aos modelos binário e ternário estabelecidos com base na análise dos

---

denominações evangélicas que concorrem com as primeiras por visibilidade e presença efetiva na esfera pública. Participaram dela os bolsistas de PIBIC Juliana Sampaio, Aurimar Albuquerque, Emília Morais e Camila Tavares, de início de 2008 afim de 2011.

micro-dados do censo<sup>3</sup>, apresentando uma estrutura intermediária e caracterizada pela significativa presença de católicos também no centro da Região Metropolitana. É possível ainda observar que, mesmo estando localizada no litoral, Fortaleza permanece fortemente católica, ao contrário de outras capitais como Recife e Salvador.

As origens da cidade, que tantas e tão acaloradas polêmicas têm gerado entre intelectuais cearenses, desde particularmente os anos 1960, dão testemunho do quanto a religião faz parte da história local. Fortaleza foi fundada por Martim Soares Moreno na Barra do rio Ceará, no litoral Oeste, a partir de um pequeno santuário católico? Ou resulta de povoamento surgido em torno do Forte Schoonenborh, edificado sob as ordens de Matias Beck, o holandês calvinista, a meio caminho entre a Barra do Ceará e o litoral Leste?

Os setores mais ligados à orientação católica nunca viram com bons olhos a primazia holandesa na obra de colonização (Furtado Filho:2002) e o invasor flamengo teve vetado o seu nome em uma avenida da cidade nos anos 60, embora o Forte – hoje nomeado de Nossa Senhora de Assunção – tenha permanecido como marco de surgimento da cidade. Os “morenistas”<sup>4</sup> afirmavam que o forte mandado erigir por Martim Soares Moreno foi posteriormente conquistado pelos flamengos. Assim, uma disputa envolvendo católicos e protestantes já marca Fortaleza desde o seu nascimento.

A capital cearense apresenta um peculiar cenário religioso neste início de século XXI. Jovens universitários comparecem às aulas de camisetas e bonés ilustrados por imagens ou frases alusivos ao cristianismo, se organizam em projetos exclusivamente religiosos como - *Universidades Renovadas* e *Profissionais do Reino* - que reúnem estudantes para louvores e orações no campus e promovem *Calouradas Cristãs* e missas em recintos acadêmicos. O “carnaval da fé”, os shows de massa reunindo mais de uma centena de fiéis

---

<sup>3</sup> No modelo ternário há forte presença de católicos no município central, redução na periferia próxima e aumento em direção à periferia mais distante. O modelo binário implica em menores percentuais de católicos no centro e maiores na periferia, conforme o *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais* no Brasil (orgs. César R Jacob et alli), Rio de Janeiro, PUC/Loyola/CNBB, 2003.

<sup>4</sup> Entre os “morenistas” destaca-se o historiador católico Ismael Pordeus, que polemizou principalmente com o “beckista” também historiador Raimundo Girão, e o fez sempre com base em escritos de autores consagrados da história cearense, como é o caso de Capistrano de Abreu.

para orações e louvor em estádios esportivos, as Caminhadas com Maria, as Marchas para Jesus, a construção de imagens em praças públicas e de capelas nos *shoppings*, as reuniões de oração e louvor nas avenidas costeiras e em praças são alguns exemplos. Além das imagens de Maria que “invadem” a cidade, novos cultos a ela são criados nos bairros periféricos. Os mais importantes são a *Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt* (ou culto à Mãe Rainha e Vencedora, Três vezes Admirável) e o *Terço dos Homens*, que tem feito aumentar o contingente masculino nas igrejas. Campanhas políticas são respaldadas na pertença religiosa dos candidatos e integram - até de forma exclusiva - eventos de reza do terço em emissoras de rádio e em locais públicos da cidade. Santuários são edificados na capital e no interior e, recentemente, o governador inaugurou a primeira de cinco estações de apoio aos devotos de São Francisco de Assis que demandam, em romaria já tradicional, o Santuário localizado na cidade de Canindé. Busca-se, dizem, incrementar o turismo religioso no Estado.

Na capital cearense, como no restante do país, há entre os católicos diferentes modos de crer e de praticar, expressos principalmente pela cultura religiosa republicana que deu origem ao cristianismo de libertação e à Renovação Carismática, se quisermos identificar somente os dois principais movimentos que se constituíram numa dialética de aproximação e distanciamento com os chamados catolicismo oficial e popular. Em cada um deles há lugares e iniciativas do laicato com um perfil próprio assim como distintas formas de organização e de reelaborações litúrgicas. São diferentes as ênfases e o uso de textos bíblicos, os cultos e imagens preferenciais, a vida comunitária, as representações da religião e da sociedade, além das relações com a hierarquia. A cidade registra, conseqüentemente, uma presença aguerrida e competitiva das denominações pentecostais em busca de igual visibilidade no espaço público<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Neste texto faz-se uma distinção entre “espaço público” (equivalente a esfera pública) como o âmbito da vida social em que é possível acompanhar a participação dos grupos sociais na produção e circulação de informações, nos debates a elas concernentes e nas decisões que a partir delas são tomadas e “espaço urbano” como aquele fisicamente determinado administrativa e urbanisticamente.

O cenário é marcado pelas práticas de sujeitos religiosos que não entendem do mesmo modo a presença da religião na esfera pública e se envolvem em ações, ora de caráter contestatório, socialmente críticas e voltadas para o exercício pleno da cidadania, ora em projetos meramente filantrópicos, de prática da caridade cristã. Neles não há coincidência entre a compreensão do que é “espaço público” e, conseqüentemente, observa-se a variação das ações disso decorrentes. Algumas são políticas no sentido estrito da participação partidária (Miranda:2006) ou, mais amplamente, de sua parceria com o Estado (Burity:2006). Outras são novas expressões públicas de culto e de presença, que coexistem com as primeiras.

Esse “reavivamento” do catolicismo no Ceará parece-me particularmente significativo (Miranda:2010) pois, embora seja este o segundo maior estado católico do país, vale aqui, para os praticantes da fé católica, a mesma observação feita para o restante do Brasil no último censo, a saber: numericamente eles aumentam, mas esse aumento é inferior ao crescimento da população. Logo, a tradição católica perde fiéis também no Ceará. Pode-se inferir, como hipótese, que essa maior visibilidade observada, essa presença renovada no espaço público, está ligada a um processo de conversão interna ao catolicismo (Hervieu-Léger; 2005). Trata-se, pois, de um tipo especial de “convertido”, surgido de um contexto intra e extra eclesial particular.

Na capital cearense a Renovação Carismática – com mais de 30 anos no Brasil - e suas comunidades servem de referência para o país. O movimento encontrou, em Fortaleza, as condições que a transformaram num dos mais importantes pólos nacionais de irradiação das novas práticas do catolicismo. Somente a pioneira comunidade *Shalon*<sup>6</sup>, principal centro de formação de laicos, possui 55 casas distribuídas em 18 Estados brasileiros e 12 sedes em outros seis países. Sob a forma de comunidades de aliança e de vida<sup>7</sup>, essas instituições laicas carismáticas se diversificam e multiplicam, estendendo sua ação aos mais diferentes locais e instituições da cidade.

---

<sup>6</sup> Até bem pouco tempo a maior comunidade católica carismática do país, *Shalon* só perde, hoje, em estrutura e número de membros, para a paulista *Canção Nova*

<sup>7</sup> Ver Miranda 1999, op.cit.

Pode-se afirmar que o catolicismo dos cearenses é plural se observamos as distintas formas de concebê-lo e praticá-lo e se o comparamos ao que era no início da República. E é esse catolicismo fragmentado e “renascido” que busca as formas de convivência interna; com suas outras expressões assim como com as demais denominações religiosas e com os ateus que parece estar à frente do aludido processo de reconfiguração do espaço urbano fortalezense.

Até finais de 1970 e início de 1980 as práticas dos fiéis e a possibilidade que ofereciam para a visualização da presença católica no espaço da cidade eram reportadas às paróquias, hoje em número de 52 (e 9 áreas pastorais)<sup>8</sup>, concentravam-se quase exclusivamente nos templos e seguiam a orientação de clérigos e religiosos (e do bispo em última instância). Tal era e continua a ser o caso das pastorais<sup>9</sup>. Essas pastorais não têm sede, sendo a Arquidiocese sua referência em termos de localização, quando não as dependências das igrejas, sob a influência dos párocos. Ao longo de toda a segunda metade do século XX, novas formas de pensar a condição cristã e novos documentos papais<sup>10</sup> vão ampliando o espaço das iniciativas laicas dentro da instituição assim como criando condições para certa “inventividade” por parte dos fiéis.

Esse período registra um retraimento da presença católica no sistema privado de ensino de Fortaleza – como em outras capitais brasileiras – e o

---

<sup>8</sup> Dados fornecidos pela secretaria da Arquidiocese à bolsista de PIBIC Emília Morais. Em Fortaleza, algumas comunidades ou bairros que já possuem certa estabilidade financeira e um número de lideranças considerável e fixo que possam assumir a “independência” para formar uma nova paróquia pedem autorização à Arquidiocese. A Cúria diocesana é responsável pela liberação e “nomeação” de uma comunidade como paróquia. O padre é responsável por sua paróquia, geralmente a Igreja Matriz, e também pelas comunidades circunvizinhas, portanto celebram nas capelinhas menores dos rincões do bairro.

<sup>9</sup> Apresentada como os “carismas da Igreja”, as pastorais caracterizam trabalho de cada paróquia, mas devem manter a mesma forma de atuação. Para isso, existem as Coordenações de Pastoral na Arquidiocese, que orientam as demais igrejas através de formações para que trabalhem em unidade. Um critério importante para o reconhecimento de uma comunidade como paróquia é a existência um movimento pastoral sólido, principalmente no trabalho das Pastorais Sacramentais: Batismo, Eucaristia, Catequese e Dízimo.

<sup>10</sup> Alguns grandes teólogos europeus prepararam essa “abertura”, trazendo à luz textos de certa forma revolucionários, como é o caso do dominicano francês Yves Congar e de seu livro *Jalons pour une théologie du laïcité*. Em 1964, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, transformase na referência para os católicos, quando o assunto é o “apostolado leigo”, que deixa de ser visto pela cúpula eclesial apenas como “participação”, “cooperação” ou “colaboração” no apostolado hierárquico, como ocorria desde o papado de Pio XI. Em seguida, a Constituição *Gaudium et Spes*, traça-lhe as linhas da ação pastoral.

fechamento de vários colégios tradicionalmente acolhedores das classes médias, processo concomitante com a luta nacional pela adoção do ensino religioso – mesmo não obrigatório para o aluno – nas escolas públicas. Em todo o país o catolicismo perde adeptos ou, pelo menos, praticantes assumidos<sup>11</sup>. As “maneiras de ser cristão” decorrentes do cristianismo de libertação<sup>12</sup> ficaram acantonadas nas CEBs e, em sua grande maioria, no interior ou na periferia das grandes cidades, reunindo segmentos de baixa escolaridade e poder econômico, a despeito da significativa conscientização política e mobilização para as causas sociais<sup>13</sup>. São práticas hoje bem menos relevantes do que o foram nos anos 1980.

A capital seguiu majoritariamente fiel ao chamado catolicismo oficial, identificado com as diretrizes diretamente emanadas do Vaticano. Isso até que, no final dos anos 1970 – coincidindo pois com o auge do cristianismo de libertação – aqui chegasse a Renovação Carismática. Reunindo, ao contrário daquele, segmentos de classe média urbana, a RCC e sua proposta de religiosidade voltada para a oração e o louvor foi conquistando espaço entre os católicos fortalezenses. Surgida na esteira das novas conquistas dos segmentos laicos no período pós Concílio Vaticano II (Miranda:2010) essa é justamente uma de suas características, ou seja, o fato de no Brasil - como na França e no Canadá francês, por exemplo - constituir-se como uma religião de grupos e comunidades significativamente independentes da direção ou mesmo da presença de uma autoridade eclesial.

Alguns autores dão conta do processo de reabsorção pela Igreja Católica dessas novas iniciativas que de certa forma deixavam à margem os seus sacerdotes e demais representantes ordenados<sup>14</sup>. Em Fortaleza a RCC

---

<sup>11</sup> Dados mostrados pelos censos de 2000 e 2010

<sup>12</sup> Chamo aqui de cristianismo de libertação o conjunto de representações e práticas, católicas em sua maioria, que criaram as condições para a formalização de uma teologia da libertação na América Latina e em outras regiões em desenvolvimento e cujo apogeu no Brasil foi registrado nos anos 80, com a grande atividade nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

<sup>13</sup> No Ceará o movimento de CEBs se concentrou no sertão central, fronteira com o Piauí, particularmente no município de Crateús cujo bispo, Dom Antônio Frágoso, virou referência nacional do cristianismo de libertação e da resistência católica à ditadura militar. Fortaleza esteve mais distante de sua influência.

<sup>14</sup> Em relação ao catolicismo francês leia-se Hervieu-Léger (1990) e, no caso do catolicismo no Québec, Côté e Zylberberg (1990)

esteve, desde o início, muito próxima das diretrizes romanas. Para isso contribuiu a aproximação de Moisés Azevedo, fundador da Comunidade Shalom, com o Papa João Paulo II, durante visita a Fortaleza, através do então Arcebispo Dom Aloisio Lorscheider. As comunidades carismáticas são autônomas, não pertencem à Arquidiocese como acontece com as pastorais. A Comunidade Shalom conseguiu a aprovação de seus estatutos e tornou-se um Movimento de Direito Pontifício cuja obediência é ao Papa. Existe uma tentativa de aproximação com a RCC, tendo o atual arcebispo criado o FAMEC (Fórum Arquidiocesano dos Movimentos e Comunidades Eclesiais), que se reúne mensalmente e é acompanhado por ele. Mas nem todas as comunidades se dispuseram a participar, como é o caso justamente da Shalom.

Hoje a Comunidade Shalom não somente consagra laicos como passou a ordenar padres com o “seu carisma”<sup>15</sup>. Entende-se aqui que o grande movimento laico representado pela Renovação Carismática Católica é o principal responsável pela revigorada presença pública do catolicismo contemporâneo e por um novo tipo de “consumo” do espaço urbano em Fortaleza<sup>16</sup>. Mesmo quando não são originados em seus grupos ou comunidades alguns dos novos cultos urbanos rapidamente lhe seguem os passos quanto à ênfase na oração e no louvor.

### **Modos religiosos de praticar a cidade**

Georges Duby (1984) afirma que “imaginar” é o trabalho a que são obrigados os historiadores, para quem a tarefa de recolher vestígios dos homens do passado torna-se particularmente árdua quando se trata dos traços deixados pelo cotidiano de pessoas comuns. Essa tarefa, no entanto, não se

---

<sup>15</sup>O padre Antonio Furtado, primeiro sacerdote ordenado na Comunidade Shalom, em dezembro de 2004, é hoje uma de suas lideranças carismáticas mais festejadas. Seu programa na Rádio Shalom tem altíssima audiência, com interação com os ouvintes através de ligações ou mesmo presença física nos studios da Rádio. Através desse programa, o Pe. Antônio Furtado tem levado multidões para os eventos prestigiados pela Rádio, como a Festa dos Arcanjos, que em sua última edição reuniu mais de 15 mil pessoas.

<sup>16</sup> Entre os novos fatos que interpelam fortemente: a Caminhada com Maria, instituída pela Arquidiocese, no dia 15 de agosto, dedicado a N.Sa. da Assunção, padroeira da cidade e incluída no Calendário Turístico Nacional desde o ano de 2011; a Marcha para Jesus, evento que reúne todos os evangélicos do Estado; a Motocaminhada com Maria; a Caminhada Penitencial; a Caminhada à gruta de Lurdes; a Festa dos Arcanjos; os grandes eventos de massa *Queremos Deus* e *Halelluya*; os novos cultos; eventos de exorcismo; percursos religiosos para romeiros; as cada vez mais numerosas comunidades de vida e de aliança e a “invasão” do até aqui espaço secularizado dos campi universitários.



torna menos complexa quando as marcas são buscadas no dia-a-dia do tempo presente, quando não basta a imaginação e a observação exaustiva e diacrônica dos fatos se impõe. Esse é um dos desafios deste trabalho.

Na verdade, as dificuldades já começam quando nos deparamos com a especialização do saber das ciências sociais e a conseqüente impossibilidade de encontrar um “nicho próprio” para um objeto que faz convergirem as reflexões que têm caracterizado a sociologia urbana, a sociologia da religião, a antropologia e a história social. Assim, por exemplo, identificar o grupo mais adequado à apresentação nos congressos científicos já requer atenção especial.

Mais do que pensar os elementos que definem urbanidades busca-se dar conta dos processos de apropriação dos espaços da cidade, ações essas que resultam do encontro entre as maneiras de viver a fé católica e as imposições que essa tradição religiosa apresenta a seus seguidores. Em Fortaleza, no tocante às práticas devocionais, as temporalidades e os espaços se combinam de modo singular, traçando mapas urbanos cujas fronteiras são movediças. Para a adoção dessa perspectiva de análise muito contribuiu a reflexão de Roger Chartier (2003;1993;1995;1999) sobre a história da leitura como prática cultural. Sua insistência no fato de que o sentido das práticas culturais provêm de uma relação dialógica entre as propostas do texto e as categorias interpretativas de seus consumidores que assim criam e inventam. A religião é aqui tomada como prática cultural. Ao “produto” ou texto doutrinário, representado pelas diretrizes da instituição eclesiástica se juntam as maneiras de “ler” dos “consumidores” católicos, clérigos e leigos de diferentes grupos sócio-econômicos. Também se exclui neste artigo, a possibilidade de que certos “produtos religiosos” sejam consumidos somente por determinadas classes ou grupos sociais, muito embora essa clivagem faça parte dos elementos considerados na análise. Logo, se busca relativizar a relação estabelecida por Bourdieu (1979) entre grupos sociais e consumo de produtos culturais.

“O duplo processo de industrialização e de urbanização perde todo seu sentido se não se concebe a sociedade urbana como objetivo e finalidade da industrialização, se se subordina a vida urbana ao crescimento industrial” lembra Lefebvre (2008). Este é o primeiro elemento a ser considerado entre

tantos outros que alimentam as polêmicas sobre a planificação do espaço urbano pelas instâncias administrativas, de modo a priorizar as necessidades sociais, necessidades daqueles que habitam a cidade. Assim, o que se impõe como elemento definidor é o direito ao uso pleno de tudo que a vida urbana coloca à disposição dos indivíduos que nela vivem; espaços, serviços e direitos. Mas nem tudo pode ser planejado pelo administrador urbano.

Tal é o caso quando se trata da instituição de espaços e ou lugares para as práticas religiosas. Elas, hoje, seguem dinâmicas próprias, vez que já não estão restritas aos templos, dos quais, ao contrário, se distanciam cada vez mais. É possível, acredita-se, acompanhar essas transformações através das novas marcas deixadas no espaço urbano pelos grupos religiosos. Bourdieu (2003) pensou o campo católico como espaço onde os laicos se caracterizavam apenas como consumidores dos bens de salvação mas as recomposições do catolicismo brasileiro os levou a uma prática criativa e inventiva e não mais somente à posição de coadjuvantes do clero na implementação das orientações do Vaticano.

O pensamento marxista, através de Henri Lefebvre (2008), se afasta da vertente althusseriana ao enfatizar, na reflexão sobre a cidade, o lugar dos sujeitos que nela vivem, os processos de decodificação pelo qual são responsáveis no dia-a-dia. Sua perspectiva de análise do espaço urbano se aproxima de Michel de Certeau (1997), para quem os usos, como prática ativa dos consumidores, é que dão forma ao cotidiano das urbes, definindo-as funcional e esteticamente. Entre nós, Magnani (2002), ao propor o método etnográfico para uma análise “de perto” e “de dentro” dos fenômenos urbanos segue essa mesma direção e chama a atenção para o fato de os debates sobre as questões relativas à cidade, em sua grande maioria, ignorarem certos atores sociais, tomando as urbes quase como independentes dos que nela vivem. O “homem comum” usa a cidade, “pratica-a” seguindo lógicas próprias e deixa traços não identificáveis ao olhar distante e “de fora”. Essa é a linha de reflexão aqui seguida. Se “praticar a cidade” é construir alternativamente o comum, de forma singular, lembro que nada é mais comum do que a religiosidade nordestina.

Fortaleza está dividida em seis Regiões Administrativas que reúnem os bairros da zona costeira Leste e Oeste, o centro e as zonas mais distantes no

Sul, Sudeste e Sudoeste. No lado Leste da cidade, os bairros que as integram são majoritariamente considerados pelo IBGE de classes A e B. O centro e adjacências são hoje pouco ou nada residenciais pois a cidade se expandiu para o Leste, seguindo a faixa litorânea principalmente. Atualmente há um processo de “interiorização” no sentido Sul da cidade para onde caminham os projetos residenciais em expansão. Assim, se tomamos como referência a obra de Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano* (1994), podemos afirmar que, em Fortaleza, dizer o que é um bairro depende da região da cidade da qual se esteja falando. Isso porque a perspectiva adotada não é aquela da delimitação administrativa e do ordenamento urbanístico traduzido na legislação e sim a que procura definir o bairro a partir dos modos de praticá-lo de seus moradores. Alguns fatos já apontam nessa direção. Por exemplo, em vários bairros de classe média alta, onde predominam as casas, a elevada taxa de violência urbana tem levado as pessoas que neles vivem a um quase completo isolamento: muros muito altos, cercas elétricas ou de arame farpado e vigias. Ninguém conhece os vizinhos e o bairro é percorrido sempre de carro. Já em outros bairros, distantes das regiões Leste, Nordeste e Sudeste, ainda é possível identificar um estilo de vida com resquícios da urbanidade interiorana: partilha entre vizinhos e moradores, uso coletivo e permanente das vias e demais logradouros públicos, etc.

Não se busca aqui aprofundar o conhecimento de nenhum bairro a partir de suas características. Mas esses esclarecimentos são necessários para uma visualização da cidade como lugar de moradia, antes que se passe aos aspectos contemplados, quais sejam: os “usos” de seus moradores, indistintamente tomados como praticantes do catolicismo urbano. São importantes para a reflexão: o espaço e o tempo, os lugares e os itinerários, assim como os estilos de vida instaurados ou reformados.

### **Lugares e itinerários da fé: um tipo particular de “consumo”**

Analisa-se aqui, pelo fato justamente de representarem “novos usos” do espaço urbano: a transformação das praças públicas, a “invasão” de imagens sacras e os dois principais novos cultos religiosos. Estes últimos últimos são a *Campanha da Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt* (ou simplesmente Campanha da Mãe Rainha), cuja origem se situa no bairro

Conjunto Nova Assunção, no litoral Oeste da cidade e o *Terço dos Homens* que, embora com adeptos também naquele mesmo bairro, tem sua maior e mais visível expressão sediada pela igreja de Nossa Senhora de Fátima, no bairro de mesmo nome. Pode-se dizer que são bairros com perfil sócio-econômico e nível de escolaridade de seus habitantes significativamente diferentes. São também igualmente representativos do catolicismo fervoroso que está mudando a face da cidade. Finalmente, pela sua localização, esses dois cultos – que guardam relação entre si – mostram o deslocamento das práticas católicas mais significativas do antigo eixo catedral/centro/Fátima de modo a incluir nesse *círculo* a zona limite da faixa litorânea Oeste. E já é possível verificar também iniciativas que tornam públicas novas devoções e festas nas paróquias de N.Sa. da Saúde e de N.Sa. de Lourdes (esta de culto bem recente), no litoral Leste da cidade. Ao olhar mais atento vai-se expandindo o espaço urbano de demarcação católica, mesmo sem a construção de novas igrejas, o que se constitui uma característica da atualidade em Fortaleza.

Essa fase da pesquisa utilizou a etnografia como método em visitas aos bairros, na observação dos cultos e das atividades que têm lugar nas praças onde foram edificadas imagens e no acompanhamento de Caminhadas e Marchas, assim como trabalhou conversas com os fiéis envolvidos nessas práticas. Destaque-se que em momentos precedentes da pesquisa foram estudadas as comunidades carismáticas - seus integrantes e seu cotidiano – foi analisada a construção de candidaturas políticas de fiéis católicos e evangélicos e feitas etnografias de eventos juvenis e de massa.

O bairro de Fátima, equidistante do centro e dos primeiros bairros “chiques” da zona Leste, tradicionalmente residencial, fazendo limite com aquele que abriga o campus originário e a Reitoria da Universidade Federal do Ceará, é um bairro cuja população, conforme o IBGE, em 2000 era de 23.070 pessoas. A boa localização e a grande quantidade de serviços disponíveis o torna disputado e ele é caracterizado como de classe média.<sup>17</sup> A paróquia de

---

<sup>17</sup> Em 2000 44,5% dos responsáveis por domicílios particulares ganhavam dez ou mais salários mínimos.

Nossa Senhora de Fátima foi criada em 14 de setembro de 1955<sup>18</sup>. A igreja, hoje chamada de Santuário, tem sido uma referência para o culto mariano em todo o Estado e, nos últimos anos, a cada dia 13 do mês missas são rezadas durante todo o dia e uma procissão é realizada entre as igrejas do Carmo, no centro, e a igreja de Fátima. No entorno do templo cresce o comércio de imagens e outros objetos de devoção, além de alimentação. O ponto alto do culto são as celebrações do dia 13 de maio, data da primeira das supostas aparições da Virgem a três pastores portugueses em Fátima em 1917.

No outro lado da cidade está localizado o também hoje chamado de Santuário de Nossa Senhora de Assunção, sede do *Culto à Mãe Rainha* e agora outro grande polo aglutinador de fiéis. Mas o *Terço dos Homens* é também ali um movimento muito forte. O bairro é o Vila Velha (ou Barra do Ceará), na zona Oeste com predominância de residências e pequenos comércios. Conforme o IBGE é o quinto mais populoso da capital, com 49.468 habitantes e o oitavo em extensão (780 ha). É um bairro pobre e com problemas de violência urbana. É formado por conjuntos residenciais entre os quais o Nova Assunção, onde, em 1983, em regime de mutirão com a participação maciça dos moradores, foi iniciada a construção do Santuário. O pároco, padre Sales, afirma que à paróquia estão vinculadas seis comunidades religiosas e quatro capelas<sup>19</sup>. Além do nome da padroeira de Fortaleza, a igreja de Nossa Senhora da Assunção ganhou grande visibilidade no cenário religioso católico da cidade por causa da Caminhada com Maria e da enorme imagem da Virgem que foi erigida nas suas imediações.

O Terço dos Homens. Iniciado na pequena igreja de Nossa Senhora da Glória o Terço dos Homens começou a ganhar adeptos e a se replicar nas demais paróquias quando foi implantado na igreja de Fátima, na primeira metade dos anos 2000. Hoje, sempre nas segundas-feiras, nunca menos de

---

<sup>18</sup> A ideia de sua criação data de 1952 quando a imagem veio de Portugal para Fortaleza, depois de passar por vários países. Durante a bênção dos enfermos ela foi danificada e levada para reparo. Os organizadores prometeram que retornaria à cidade. Em Fortaleza, um casal de fiéis doou o terreno na importante Avenida 13 de Maio para construção do templo e mulheres católicas autodenominadas “operárias de Fátima” se encarregaram de angariar recursos. A imagem voltou em dezembro de 1953 e a ela foi consagrada a paróquia criada dois anos depois.

<sup>19</sup> Entrevista a Aurimar Albuquerque em 25/03/2009

300 pessoas comparecem ao culto que, nas palavras do vice-coordenador, “está resgatando os homens para a igreja”<sup>20</sup>. Ele é membro dos Encontros de Casais com Cristo e de outros grupos litúrgicos. A preparação começa às 19hs, uma hora antes do culto. A banda ensaia os acordes e são escolhidos aqueles que rezarão os mistérios. Predominam os homens com mais de 45 anos, embora os haja de todas as idades. É preparada a procissão de entrada e o condutor dos trabalhos anuncia os pedidos, ações de graça e notas de falecimento. Os agradecimentos são majoritariamente para as metas alcançadas, a vitória sobre os vícios e as melhoras na saúde. Algumas vezes incluem os negócios de família. Todos ficam de pé e entra a procissão trazendo à frente um grande crucifixo seguido por cerca de 12 homens com o terço na mão e a imagem da Mãe Rainha. Ela é aplaudida e festejada com a canção “Mãe Peregrina”, de autoria do padre carismático Antônio Maria. Integrantes da banda gritam “Viva Nossa Senhora”, “Viva Jesus Cristo” e “Viva o Terço dos Homens” no que são imitados pelos demais fiéis. O pároco conduz o “ato penitencial”, o “canto de aclamação” e a “leitura e reflexão do evangelho”. Retira-se então para o confessionário, à disposição dos que se interessarem. A coordenação laica passa ao controle da reza do terço, entremeada de cânticos de louvor a Maria.

A Campanha da Mãe Rainha. No conjunto Nova Assunção depois do Santuário veio a imagem de 12 metros construída, em 2007, no espaço público em frente ao templo, para “fortalecer a comunidade e chamar a atenção para o santuário”<sup>21</sup>. Em 2003 começara a Campanha da Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, unindo moradores em grupos de oração, louvor e evangelização. O Conjunto Nova Assunção viu seus limites territoriais grandemente alargados com a participação de habitantes de bairros vizinhos nas atividades dirigidas por leigos de todas as idades. A comunidade originária se multiplicou e o Santuário entrou no *circuito* mais amplo de edificações e eventos católicos que interliga hoje a cidade de Leste a Oeste.

A Campanha da Mãe Rainha teve origem na Alemanha durante a primeira GG e chegou ao Brasil em 1979. Em Fortaleza ela começa

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida ao aluno Aurimar Albuquerque em 06/03/2009

<sup>21</sup> Conforme depoimento de uma liderança laica a Aurimar Rocha em 2009.

“clandestinamente”<sup>22</sup>, fora da ingerência eclesial, como iniciativa eminentemente laica posteriormente “encampada” pela Igreja Católica. A santa é três vezes admirável “como mãe de deus, do redentor e dos redimidos”. Tem uma imagem característica que é objeto do culto e só em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, são fabricados esses ícones marianos. A reza do terço está no centro da devoção cuja base são as famílias. Inicialmente organizadas em 30, elas se revezam na atividade de “zelo” e programação da vilegiatura da imagem que, durante um mês, “visita” cada dia uma residência onde todos se reúnem para rezar o terço e louvá-la. A santa permanece 24 horas em cada casa de cada membro dos grupos. Há uma estrutura laica de “missionários” e “zeladas”, cujas atividades são referidas ao pároco. Bem recentemente começamos a ouvir relatos de “visitas” da santa a residências de classe média também no lado Leste da cidade, com o que estaria “fechado o circuito” ou “coberta” toda a extensão do litoral de Oeste a Leste.

Praças e imagens. Da cidade antiga à medieval e desta à cidade contemporânea a praça pública muda de estatuto. Primeiro *fórum* depois átrio das igrejas ela vai sendo “reinventada” como espaço público nos novos marcos do urbano. Essas transformações seguem o processo de passagem do poder do campo para a cidade, na Europa dos séculos IX e X, e atingem seu apogeu com o início da urbanização no século XI. É a sociabilidade, o prazer de estar com o outro, que estabelece em definitivo a diferença urbana, a urbanidade. O campo não oferecia isso. Nesse processo a praça se “seculariza” tornando-se lugar de sociabilidades que não incluem as práticas religiosas cotidianas cujo espaço específico é o templo. Na Fortaleza desta virada de século XX para XXI uma nova dinâmica parece apontar no sentido contrário ou seja, as praças públicas vão lentamente se tornando lugares de culto, reinvestindo o caráter

---

<sup>22</sup> Conforme depoimento de Dona Lurdes, pioneira do culto, ele passou mais de um ano “ilegal” pelo fato do pároco se recusar a legitimá-la, o que só ocorreu com o novo responsável pela paróquia, em 2007. No início eram apenas seis imagens distribuídas entre 180 famílias das 14 com<sup>22</sup> Conforme depoimento de uma liderança laica a Aurimar Rocha em 2009.

<sup>22</sup> Conforme depoimento de Dona Lurdes, pioneira do culto, ele passou mais de um ano “ilegal” pelo fato do pároco se recusar a legitimá-la, o que só ocorreu com o novo responsável pela paróquia, em 2007. No unidades ligadas ao Santuário (entrevista a Julianna Sampaio em maio de 2008)

religioso de outrora. Mas as praças são apenas um elemento desse processo de reconfiguração urbana de Fortaleza pelas práticas católicas.

Em Fortaleza e em sua Região Metropolitana destacam-se, entre muitas outras menores ou menos visíveis, as seguintes imagens de santos em logradouros públicos: Jesus Cristo (av. José Bastos em Fortaleza); Menino Jesus de Praga (Chorozinho); Nossa Senhora Aparecida (Montese, Fortaleza); Nossa Senhora de Fátima (Praça Pio IX ou de Fátima, Fortaleza); Nossa Senhora das Graças (Oficina Cordeiro, na Aerolândia, Fortaleza); Nossa Senhora das Graças (Lago Jacareí, Fortaleza); Nossa Senhora de Fátima (pracinha da Coelce, Fortaleza); Nossa Senhora da Assunção (Conjunto Nova Assunção, Fortaleza); Nossa Senhora da Saúde (Praça Nossa Senhora da Saúde, Fortaleza); Padre Cícero (Anel Viário, Maracanaú); Santa Edwiges (Av. Leste-Oeste, Fortaleza); Santa Edwiges (Caucaia); São José (praça da Igreja Matriz, Maracanaú); São Judas Tadeu (Conjunto Timbó, Maracanaú) e São João (Horizonte). Destas, a totalidade das imagens de Maria está localizada na capital e sua construção data das últimas duas décadas.

Esse é um fenômeno muito recente e tem gerado polêmicas que se explicitam nas Casas Legislativas<sup>23</sup>, na mídia<sup>24</sup> e nas conversas com os usuários católicos da praça, com os que professam credos não católicos e com os não religiosos<sup>25</sup>. A primeira imagem a mobilizar a opinião pública da capital foi a de Nossa Senhora de Fátima, na praça Pio IX (também chamada de Fátima), do outro lado do Santuário, na Avenida Treze de Maio. Com 13 metros de altura e de estética bastante controversa ela foi inaugurada em 2008. Segundo noticiou o jornal Diário do Nordeste no dia 22 de janeiro de 2008 a colocação da imagem foi de iniciativa do então vereador Walter Cavalcante que é ligado ao movimento Encontro de Casais com Cristo (RCC), com anuência da Prefeitura de Fortaleza e do pároco da igreja.

---

<sup>23</sup> A Assembléia Legislativa e a Câmara Municipal têm abrigado calorosos debates entre apoiadores e críticos dessa construção indiscriminada de imagens sacras na cidade. Entre os últimos estão os evangélicos e os ateus.

<sup>24</sup> Os jornais de Fortaleza têm publicado reportagens e artigos sobre as imagens de santos, onde se destacam elementos que questionam sua pertinência num Estado oficialmente laico como o brasileiro, que as vinculam a interesses eleitorais de candidatos católicos militantes ou que aludem ao aspecto estético, considerando-as de gosto no mínimo duvidoso.

<sup>25</sup> Também a população ouvida nas ruas e demais locais públicos se divide sobre o assunto.



Com a construção da imagem a praça vem registrando mudanças nas formas de uso pelos moradores do bairro. Ao longo de um mês membros da equipe de pesquisa a observaram em horários diferentes, conversando com seus frequentadores que além de habitarem a região, são em sua maioria católicos. Esses defendem veementemente a existência da imagem, por muitos já transformada em lugar de culto. Os não adeptos dessa transformação no uso do logradouro, mesmo católicos, destacam que a iniciativa de colocar a santa na praça tem motivações políticas: beneficia a administração municipal e traz bônus para a igreja. A consequência mais apontada por todos é o fato de que a praça vem se tornando de uso exclusivo dos católicos. Há três anos a praça que antes não trazia nenhuma identificação religiosa passou a ser definida como “a praça da imagem de Nossa Senhora”. Eudes que há dez anos mora nas ruas da vizinhança chama o ícone de “estátua capitalista” e critica sua finalidade política. Mas afirma beneficiar-se da presença da imagem o que, segundo diz, torna as pessoas mais generosas na doação de esmolas. Ele presencia várias formas de culto, com o uso de velas, flores e até ex-votos que encontrou aos pés da santa e vendeu no centro da cidade para comprar comida.

Os católicos entrevistados mostraram-se favoráveis à presença do ícone e o vêem como “respeito à religião”, embora mais de uma pessoa tenha se mostrado totalmente contra a presença de símbolos de outras tradições. Alguns consideram que a imagem atraiu mais pessoas e trouxe mais policiamento para a área. Um morador que há muito não visitava a praça afirma que “as pessoas estão voltando a passear no lugar depois da reforma e da colocação da estátua”.

No último ano, vem chamando atenção também a Praça do Cristo Redentor onde foi erigido um humilde oratório que reúne católicos – em sua maioria mulheres - com suas cadeiras de plástico, no início das noites de quarta-feira, ao lado de uma caixa metálica do sistema de telefonia que, como várias na cidade, foram grafitadas por Narcélio Grude, um artista local. Os fiéis rezam e cantam apesar do trânsito infernal, do movimento do posto de gasolina, do ponto de motoristas de táxis, da presença da polícia, das pessoas que passam para se divertir no Centro Cultural Dragão do Mar, de crianças que se drogam e de pedintes. Na Avenida Beira Mar, local de prática de esportes,

de restaurantes, bares e comércio artesanal hoje, principalmente ao cair da tarde, é possível observar grupos que se reúnem para orações e louvor em torno de uma imagem que é levada pelos integrantes do grupo a cada nova reunião. Esses são apenas alguns dos casos mais relevantes.

Essas imagens desrespeitam à natureza laica do estado brasileiro? São feias e comprometem esteticamente a paisagem urbana? Oferecem novas possibilidades de culto? Protegem a cidade e seus habitantes? Reforçam a vocação religiosa do povo fortalezense? Justificam a construção de ícones alusivos a outros credos religiosos? Tais questões são formuladas com base nas muitas argumentações “pro” e “contra” essa “invasão de imagens” nas ruas e praças de Fortaleza ouvidas ao longo do trabalho de campo. Como se pode notar são questões para as quais as respostas, positivas ou negativas, implicam “olhares” distintos; ora religiosamente informados, ora preocupados com o respeito aos valores republicanos, ora atentos à estetização do espaço urbano. Mas, nem quando predominam estes últimos, a análise pode deixar de fora as condições históricas e sociais de possibilidade dessa experiência, que mostramos anteriormente. Elas ajudam a entender como foram produzidas e constituídas como tal as obras consideradas dignas do olhar estético e quais são as condições nas quais se produziu e se reproduz continuamente no decorrer do tempo a disposição estética que exigem.

No entanto, conforme já explicitado, esse não é o interesse da reflexão, voltada para o “olhar” religiosamente informado. Sim, porque é ele que justifica e legitima o que parece absurdo ao homem e à mulher sem religião ou ao fiel que não aprova essa transformação nos usos sociais das ruas e praças, para não falar dos evangélicos sempre avessos às reproduções imagéticas. Cumpre agora mostrar que a presença crescente de imagens sacras e os novos usos dos locais públicos que elas estimulam não são elementos isolados, por exemplo, da força que veem ganhando em Fortaleza as caminhadas – grandes ou pequenas – nova denominação para as tradicionais procissões.

Nem carnaval nem parada militar, como lembra Roberto da Matta (1983), as procissões têm uma longa história e simbologia, e estão particularmente “incrustadas” na cultura religiosa católica da nossa sociedade, podendo funcionar como verdadeiras “chaves” para sua compreensão. Elas

foram introduzidas no Brasil, pelos portugueses, na primeira metade do século XVI<sup>26</sup> e têm sido uma das mais eficazes maneiras de marcar a presença católica no espaço público urbano. Elas querem e precisam ser vistas; quanto mais melhor. Para isso, usam antigos e novos recursos que lhes garantam “aparecer”. São, cada vez mais, portanto, espetáculo. A necessidade de dar visibilidade ao invisível, função à qual também serve a procissão, foi uma necessidade própria ao mundo colonial, e dela persistem vários resquícios, marcando de modo característico a cultura brasileira, lembra Martins (2008). Tradicionalmente, há procissões triunfais, procissões fúnebres, procissões penitenciais, procissões litúrgicas e procissões devocionais.

Essas procissões são permanentemente transformadas. A explicação para isso parece dever ser buscada internamente, como na já aludida autonomização do laicato que acompanha as transformações na divisão do trabalho religioso, mas não se pode esquecer também a concorrência entre denominações religiosas, o desenvolvimento das modernas tecnologias de comunicação e as exigências de uma sociedade mercantilizada, entre os outros elementos explicativos. Aquele que é determinante varia de acordo com a procissão particularmente analisada e, em alguns casos, certos desses elementos podem até estar ausentes<sup>27</sup>.

Veja-se os casos da *Caminhada com Maria* e da *Marcha para Jesus*.

A primeira, tradicionalmente chamada de procissão da padroeira ou de Nossa Senhora da Assunção, ligava até os anos 1980, a Catedral localizada ao lado do Forte hoje também chamado de Nossa Senhora da Assunção à igreja de Nossa Senhora do Carmo, ambas no centro. O cortejo seguia pelas ruas centrais e quando muito ia até o Seminário da Prainha, nos limites com a Praia de Iracema. Nas duas últimas décadas, o dia 15 de agosto passou ao rol

---

<sup>26</sup> A primeira procissão brasileira de Corpus Christi aconteceu em 1549, quando o primeiro governador-geral, Tomé de Souza, fundou a cidade de Salvador.

<sup>27</sup> É o caso, por exemplo, das “livres criações” litúrgicas de leigos em longínquas comunidades interior a dentro, no Nordeste. Num domingo de ramos, acompanhei cortejo de 200 metros, organizado por grupo de aproximadamente 20 pessoas (todas mulheres, à exceção de um jovem animador religioso), que se deslocou até a pequena capela, à beira da estrada, onde um sacerdote do local foi convidado a celebrar a missa. Nessa procissão, na qual todos portavam folhas de palmeira, bentas previamente pelo sacerdote, destacavam-se três jovens vestidos em túnicas especialmente feitas para o evento; o coro. A senhora que ia à frente, portava um cartaz da Campanha da Fraternidade.

dos feriados municipais, a procissão virou *Caminhada com Maria* e liga o centro ao extremo Oeste da cidade, onde está situado o Santuário. Na véspera da festa uma *Motocaminhada com Maria* leva a imagem da santa até a Barra do Ceará, de onde virá acompanhada pelos fiéis na Caminhada do dia 15. Expandiu-se o itinerário, multiplicou-se o evento e católicos, carismáticos ou não, se fazem cada vez mais presentes. A administração pública garante a fluidez do trânsito, o acesso dos fiéis e a segurança dos participantes. Um comércio ambulante e desordenado prolifera nesses dias ao longo de todo o percurso. O mesmo comércio temporário que compromete calçadas e ruas, complicando o trânsito em frente à igreja de Fátima a cada dia 13 do mês e, particularmente no dia 13 de maio. São imagens, terços, camisetas da santa, comidas, bebidas e até adereços. Esse tipo de comércio hoje toma conta de Fortaleza e há os ambulantes que se deslocam entre eventos em vários pontos da cidade.

A essa exibição de devoção católica os evangélicos respondem com a *Marcha para Jesus*, cortejo que reúne, anualmente em Fortaleza todas as denominações reformadas históricas e pentecostais. O itinerário dessa feita é outro mas não se afasta do eixo centro/litoral. Não poucas são as polêmicas entre fiéis das duas tradições pois os evangélicos acusam o poder público de empenhar-se mais nas garantias à realização dos eventos católicos. O que se observa é que embora as iniciativas partam de católicos e de protestantes as duas marchas reúnem cada vez mais um número crescente de cristãos que não as vêem como mutuamente excludentes. Também esse é o caso quando dos shows de massa de artistas de ambos os credos nas areias do palco montado para esse tipo de evento na Praia de Iracema. O caráter gratuito desses shows lhes garante sempre um público de milhares de fortalezenses.

### **Novos estilos de vida urbana: sociabilidades (re)inventadas**

Dona Madalena Brito, moradora do Conjunto Nova Assunção diz que a Campanha da Mãe Rainha trouxe grandes e boas mudanças para sua vida. Antes de começar a participar ela quase não tinha amigas, conhecia pouco o bairro e não se deslocava muito por suas ruas. Hoje conhece muita gente, circula com prazer pela vizinhança e aumentou o círculo de amigas. “Aproximou-se mais de Maria, da igreja e das pessoas”. Tem mais “alegria de

viver”. Com poucas variações esse é o teor dos depoimentos entre as moradoras do local. Já maiores de 60 anos – algumas com mais de 80 – essas mulheres e os jovens são os grandes responsáveis pelo culto e pelas mudanças na comunidade. Eles atraídos pela música e pela festa e elas por uma nova sociabilidade, de partilhas e solidariedade. Vizinhas distantes viram comadres e passam a festejar os aniversários umas das outras. Cada uma delas, ao receber a visita mensal da santa, reúne os amigos e a família em torno de lanches, reza do terço e louvores. Elas trocam confidências, conselhos, pedem ajuda e organizam trabalhos voluntários de assistência à comunidade. Para Dona Amélia o culto é responsável por “um grupo unido, solidário e participativo”. Os homens são raros na Campanha da Mãe Rainha mas engrossam as hostes do Terço dos Homens tanto no Santuário de Nossa Senhora da Assunção quanto na igreja de Fátima. Inúmeros deles afirmam que gostam de frequentar a igreja sem as mulheres e alguns atribuem à “timidez masculina” o êxito dessa prática segmentada. Pode-se observar uma participação entusiasmada no ritual do Terço<sup>28</sup>, assim como comportamentos descontraídos, abraços calorosos, uso de camisetas do movimento e partilha de êxitos e problemas pessoais.

Os participantes do Terço dos Homens no Conjunto Nossa Senhora da Assunção instituíram o *Terço em sua casa* e a *Bolsa de Empregos*. Esta última funciona assim: antes da celebração o participante informa o coordenador sobre uma vaga de emprego que deseja divulgar. Ao final, antes da benção ele vai à frente e fala do emprego e dos requisitos. Em cada reunião aparece uma média de três vagas. Dessa forma, “nos sentimos unidos e podemos nos ajudar” diz o Sr. Emami. Há interações outras que ocorrem fora dos lugares de culto. Na paróquia de Nossa Senhora de Fátima existem as viagens. Um dos membros é proprietário de uma agencia de viagens e organiza passeios a locais de forte apelo religioso como a Santuário de Aparecida e a cidade-teatro

---

<sup>28</sup> O ritual do Terço dos Homens, ao qual os fiéis comparecem todos portando seus terços e vestindo a camisa identificatória, compreende a efusiva acolhida de novatos e muita música. A imagem da Mãe Rainha é tocada pelos participantes antes de iniciada a reza ganha reverências durante toda a celebração. Os testemunhos feitos não diante de todos mas em pequenos grupos ou para o coordenador dão conta de mudanças benéficas na vida dos fiéis que aderiram ao movimento. A frequência ao culto vem aumentando também a frequência às missas.

de Nova Jerusalém, em Pernambuco. Ali também todos enfatizam as novas amizades e o quanto elas estendem os contatos até espaços fora do lugar de culto.

É importante destacar a construção de laços cada vez mais fortes entre duas atividades até bem pouco tempo tidas como inconciliáveis: o lazer e a devoção religiosa. Há alguns anos o jornal O Povo publicou uma pesquisa sobre lazer na cidade de Fortaleza que curiosamente mostrava, entre as formas de divertimento mais procuradas, em primeiro lugar a praia logo seguida pela igreja. Vale lembrar que igreja aqui se refere amplamente aos templos de todas as denominações cristãs da cidade. O trabalho de campo que serve de base a estas reflexões atesta que os templos, comunidades e demais lugares utilizados de forma temporária ou definitiva para a prática religiosa vêm se transformando em espaços de uma sociabilidade que extrapola a oração e o louvor e sem deixar de tê-los como centrais, cria laços, institui solidariedades, e oferece alternativas seguras e de baixíssimo custo às programações “laicas”. Não se pode esquecer que elas incluem esporte, música, dança, espetáculo e disponibilizam transmissões midiáticas as mais diversificadas<sup>29</sup>. Os megaeventos como *Queremos Deus e Halleluya*, promovidos pela Comunidade Carismática Shalom já fazem parte do circuito católico regional e trazem a Fortaleza turistas religiosos de dentro e fora do Estado. Nestes casos há benefícios econômicos para a indústria hoteleira e de restauração.

### **Como conclusões**

As transformações no “rosto religioso de Fortaleza” são as consequências não intencionais das novas formas de praticar a cidade pelos sujeitos religiosos que a habitam. Os fatos aqui relatados e nos quais se apoia esta reflexão não resultam de uma ação programada por parte da administração pública, de qualquer instituição religiosa ou de grupos de fiéis. No entanto os elementos que criam suas condições de possibilidade reúnem tanto as recomposições do catolicismo brasileiro que, entre outras coisas, deu maior liberdade ao segmento laico levando-o a uma prática criativa e inventiva quanto as particularidades da cultura católica local. Acrescente-se ainda a

---

<sup>29</sup> O Terço dos homens, por exemplo, possui sites e programas de rádio.

notória falta de planejamento urbano na capital cearense<sup>30</sup>, cidade cujas edificações estão longe de obedecer um código de posturas que confira um rosto à cidade do ponto de vista do ordenamento administrativo.

Conforme já destacado os novos usos religiosos para muitos desrespeitam à natureza laica do estado brasileiro enquanto para outros reforçam a vocação religiosa do povo fortalezense. Eles garantiriam o pluralismo religioso preconizado na Constituição Federal afirmam, num raciocínio simplista, inúmeros fortalezenses católicos e evangélicos. A polêmica está assim instalada como outra consequência não programada dessas novas práticas. Ela chega à agenda política e alimenta os debates acadêmicos sobre laicismo e tolerância religiosa, por exemplo<sup>31</sup>.

Esses usos religiosos efêmeros e permanentes do espaço urbano por sua vez não contradizem a tese compartilhada pelos cientistas sociais interessados nos fatos religiosos, de que se vive um processo acentuado de desinstitucionalização das práticas<sup>32</sup> e de privatização do público pelos grupos religiosos. Essas práticas são como tantas outras também objeto da crescente espetacularização que marca a cultura urbana em todas as suas manifestações e deixam assim também suas marcas, como no caso dos frequentes testemunhos de fé oferecidos em eventos sociais privados (como casamentos e aniversários), sepultamentos e mesmo em cerimônias acadêmicas<sup>33</sup>.

É certamente cedo para ir além da constatação das mudanças, da busca dos múltiplos elementos que as explicam e das velhas e novas questões que provocam. E isso já é suficiente: Elas “são boas para pensar”.

---

<sup>30</sup> Fausto Nilo, arquiteto responsável por vários projetos de intervenção urbana em Fortaleza afirmava em entrevista ao jornal O Povo (1/7/2012) que são muitos os problemas, por exemplo, para que a capital cearense passe de cidade unicentral a policentrada como as metrópoles desse início de século XXI.

<sup>31</sup> Esse é o tema de nova reflexão fruto da mesma pesquisa empírica aqui apresentada.

<sup>32</sup> O censo de 2010 mostra inclusive o crescimento de evangélicos sem pertença eclesial.

<sup>33</sup> Tive a oportunidade de assistir, numa defesa de dissertação de mestrado em Geografia na UFC, à realização de um ato de louvor e bênção celebrado por um pastor evangélico (pai do aluno), na sala mesma onde acabava de ter lugar o ritual acadêmico.

## Referências Bibliográficas

- APPADURAI, A (2005) *Après le colonialisme: les conséquences culturelles de la globalisation*, Paris, Payot
- BOURDIEU, P (2003) *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Perspectiva
- \_\_\_\_\_ (1979) *La distinction*, Paris, Minuit
- BURITY, Joanildo, *Redes, parcerias e participação religiosa nas políticas sociais no Brasil*, Recife, FUNDAJ/Massangana2006
- CHARTIER, R (1999) *A ordem dos livros*, Brasília, Ed. UnB
- \_\_\_\_\_ (1993) "Pouvoir et cultures" in: *Cahiers de Recherche* no. 11, Lyon, Université Lumière Lyon2
- \_\_\_\_\_ (1995) "Textes, performances, publics" in: *Cahiers de Recherche* no. 16, Lyon, Université Lumière Lyon2
- \_\_\_\_\_ (2003) *Formas e sentido: cultura escrita entre distinção e apropriação*, Campinas, Mercado das Letras
- CÔTÉ,P e ZYLBERBERG,J (1990) "Univers catholique romain, charisme et individualisme: les tribulations du renouveau charismatique canadien francophone" in *Sociologie et sociétés* Vol. XXII, no. 2, octobre 1990, Montréal, Presses de l'UM, pp. 81-93
- DA MATTA, R (1983) *Carnavais, malandros e heróis*, Rio de Janeiro, Zahar
- DE CERTEAU, M (1994) *A invenção do cotidiano* Vols. 1 e 2, Petrópolis, Vozes
- FURTADO FILHO, J (2002) *Soares Moreno e Matias Beck: inventário de uma polémica nos escritos de Ismael Pordeus*, Fortaleza, Museu do Ceará
- HERVIEU-LÉGER,D (1990) "De quelques recompositions culturelles du catholicisme français" in: *Sociologie et sociétés* Vol. XXII, no. 2, octobre 1990, Montréal, Presses de l'UM, pp. 195-203.
- JACOB, C.R. et alli, *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. PUC/Loyola/CNBB, 2003
- LEFEBVRE, H (2008) *O direito à cidade*, São Paulo, Centauro
- LE GOFF, J (1998) *Por amor às cidades*, São Paulo, UNESP
- MAGNANI, J.G (2002) "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana" in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol. 17, no. 49, São Paulo, ANPOCS



MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*, São Paulo, Contexto, 2008